



Catálogo e caracterização da colecção de  
fósseis “Miguel Barbosa”, embrião do futuro  
Museu de História Natural de Sintra

José M. Brandão

Câmara Municipal de Sintra / C.E.H.F.C., Universidade de Évora

Catálogo e caracterização da colecção de fósseis “Miguel Barbosa”, embrião do futuro Museu de História Natural de Sintra  
*Cataloguing and characterization of “Miguel Barbosa’s” fossils collection, embryo of the future Sintra’s Natural History Museum*

**José M. Brandão**

**Câmara Municipal de Sintra (MHNS) / C.E.H.F.C., Universidade de Évora**

[jm.brandao@netvisao.pt](mailto:jm.brandao@netvisao.pt)

**SUMÁRIO**

O acervo paleontológico reunido por Miguel Barbosa ao longo de anos de colheitas, permutas e compras, perfaz um total de cerca de 7 000 exemplares, entretanto cedidos pelo colecionador à Câmara Municipal de Sintra. Constituinte o embrião das colecções do futuro Museu (municipal) de História Natural, este acervo tem vindo a ser objecto de identificação, catalogação e organização tendo em vista a sua pública disponibilização e a constituição de uma colecção de apoio ao ensino e à divulgação da Paleontologia.

Palavras-chave: Fósseis; Colecção M. Barbosa; Museu de História Natural; Sintra; Paleontologia

**SUMMARY**

*The paleontological collection assembled by Miguel Barbosa during many years of sampling, exchanges and purchases, represents in the whole about 7 000 specimens, in the meanwhile bestow by the collector to Sintra’s Town Hall. It will be the collections core for the new Natural History Museum. These specimens have been subject for identification, inventory and organization, considering being public available and being established as a collection with a didactic, divulgation and enjoyment purposes.*

*Key-words: M. Barbosa’s fossils collection; Natural History Museum; Sintra; Paleontology*

**Introdução**

“... fósseis, do latim «fossilis» são restos de animais e plantas que existiram e que após a morte a Natureza resumiu ao essencial...”.

Era desta forma ingénua mas expressiva que o pintor e escritor Miguel Barbosa se referia às muitas centenas de fósseis que foi juntando ao longo de quase cinquenta anos de colecionismo como paleontólogo amador. Cedidos há cerca de vinte anos à Câmara Municipal de Sintra, estes fósseis constituem, actualmente, o embrião das colecções do futuro museu de História Natural e a “âncora” da sua primeira exposição de longa duração.

Na realidade, estes materiais representam, apenas, uma parte do vastíssimo espólio reunido pelo colecionador e pela esposa, que compreende ainda minerais, conchas, rochas, peças arqueológicas e etnográficas e algumas raridades bibliográficas que, em conjunto com os seus fundos artísticos, configurava uma verdadeira “câmara de maravilhas” do século XX [1] [2].

A colecção tem vindo a ser objecto de inventário, documentação e interpretação, tendo em vista, por um lado, a avaliação do seu potencial científico e cultural e, por outro, a preparação da sua futura gestão com finalidades de investigação e divulgação em Paleontologia e em História da Vida na Terra.

**Constituição e aquisição**

Fruto de um crescimento mais ou menos casuístico, onde os critérios de ordem estética se sobrepuseram muitas vezes aos de ordem científica<sup>1</sup> como referia A. L. Janeira [3] a propósito de algumas colecções de História Natural, pode dizer-se que a “Colecção

<sup>1</sup> Como artista plástico, M. Barbosa procurava nos objectos da Natureza as cores, formas e texturas que transportava para as suas obras. No entanto, quando apreciada na sua globalidade, a colecção denota, claramente, a preocupação do colecionador em documentar a evolução e a diversidade da vida ao longo do tempo geológico.

Miguel Barbosa” tem tudo o que uma boa colecção particular deve ter: trilobites de Marrocos, amonites da Rússia, peixes do Líbano, ovos de dinossauro da China, plantas do tempo em que a Austrália se separou da Índia e da África, insectos em âmbar, etc., etc., cobrindo, embora de forma desigual, todo o calendário dos tempos geológicos entre o final do Precâmbrico, com uma ténue representação da fauna Ediacariana<sup>2</sup> e alguns estromatólitos, e o Plistocénico, representado por restos de diversos mamíferos fósseis, nomeadamente, mamute, bisonte e cavalo entre outros (Figs. 1 e 2).

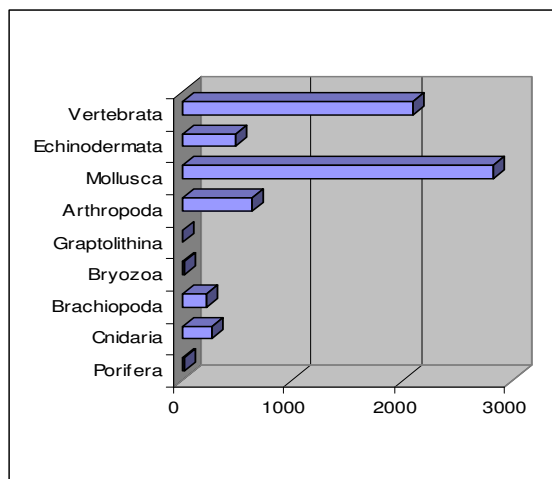


Fig. 1: Abundância relativa dos principais filos fósseis. Foram incluídos nesta contagem os duplicados e os fragmentos de fósseis, anteriormente assumidos como “verdadeiros exemplares” e como tal contabilizados.

A maior parte das peças que constituem esta colecção resultou das inúmeras e apaixonadas colheitas de superfície realizadas em Portugal pelo casal de coleccionadores, em pedreiras e desaterros, sobretudo nas formações neogénicas de Lisboa e península de Setúbal (moluscos e restos de mamíferos marinhos), nas arribas do Jurássico Superior da Lourinhã (restos de dinossauros, tartarugas e crocodilos...) em Souzelas, Coimbra e Figueira da Foz (braquiópodes, belemnites e amonites) e nas formações cretácicas dos arredores de Sintra – Cascais e Torres Vedras (incontáveis moldes de bivalves e gastrópodes, ouriços e restos de coraliários).

Todavia, a recolha sistemática de todo o tipo de exemplares, e de todas as suas variações, mesmo quando apenas tafonómicas, independentemente do respectivo grau de preservação, significado, e/ou duplicação<sup>3</sup>, denuncia, de certa forma, o “carácter

<sup>2</sup> *Nemiana simplex* Palij.

<sup>3</sup> A grande quantidade de duplicados devia-se, em parte, segundo o coleccionador, à necessidade de manter uma reserva permanente para as permutase ofertas que durante anos manteve com coleccionadores estrangeiros, a quem, não raras vezes enviava os melhores exemplares encontrados, quando não mesmo, alguns dos seus quadros!

tradicional” das colheitas, tal como o define K. Thomson [4]. Refira-se, sem qualquer desagravo para os coleccionadores, que salvo raras excepções, não foram recolhidos elementos de contextualização geológica, guardando-se de muitos destes materiais apenas a memória do local de colheita.

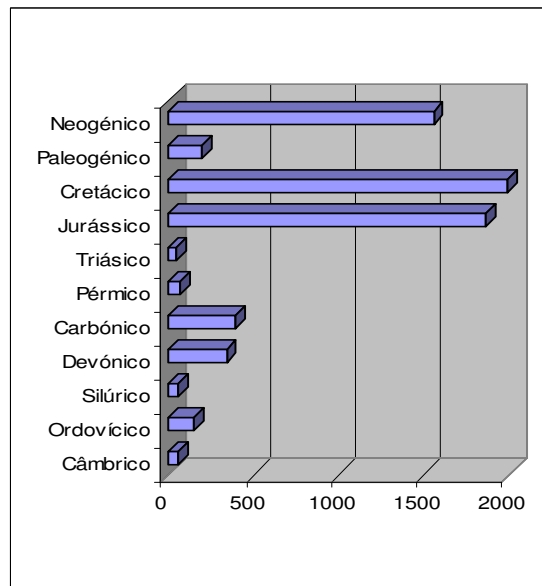


Fig. 2: Repartição estratigráfica muito simplificada dos exemplares da Colecção M. Barbosa.

As peças mais emblemáticas foram, contudo, adquiridas por compra a vendedores e colectores comerciais ou por permuta com outros coleccionadores, por vezes no decurso das viagens pelo estrangeiro, em turismo ou para a participação do pintor em certames artísticos. Assim se explica a presença significativa, nesta colecção, de peças originárias de um amplo leque de países de que se destacam os Estados Unidos, França Brasil, Marrocos, Líbano, França, China, Rússia, Madagáscar e Austrália [1] [2].

Já a pensar na instalação do museu em Sintra, M. Barbosa adquiriu e ofereceu ao município, diversos moldes e réplicas de vertebrados, tendo em vista a sua posterior utilização nas exposições ou em programas educativos, facilitando o estabelecimento de pontes para o mundo dos animais extintos.

### Valor científico e cultural

A aceitação de alguns critérios-chave para a avaliação do potencial científico e cultural das colecções de História Natural é actualmente consensual. Destaquem-se, entre outros exemplos possíveis, a presença de exemplares com estatutos relevantes (tipos, figurados...), a representatividade espacial e temporal dos espécimes, o respectivo estado de preservação e de conservação e a documentação que lhes está associada [5] [6] [7].

Nesta óptica, poderia dizer-se que embora esta colecção não contenha quaisquer fósseis com estatutos particulares, deve sublinhar-se, por um

lado, a excelente preservação de alguns exemplares que poderíamos reportar à categoria a que R. Edmonds [8] chama *fósseis com importância científica*<sup>4</sup> e, por outro, a presença de materiais provenientes de algumas jazidas fossilíferas de relevância internacional, como por exemplo os nódulos ferruginosos fossilíferos do Mississipiano de Mazon Creek (Illinois, EUA), ou dos peixes da Formação de Santana, (Ceará, Brasil) e do Eocénico médio de Green River (Wyoming, EUA). Neste conjunto destacam-se alguns grupos, como por exemplo os Braquiópodes paleozóicos ou as trilobites, com abundante representação, passíveis de serem usados como material de comparação.

Do ponto de vista da conservação, à excepção dos materiais piritizados e de alguns ossos (aparentemente) menos mineralizados, não encontramos problemas dignos de nota. Não podemos, porém, deixar de assinalar o forte contraste entre os exemplares provenientes das colheitas do casal de coleccionadores e os adquiridos no mercado. Estes últimos foram, na sua maioria, objecto de cuidada selecção e preparação, com intuídos didáctico e/ou científicos e, obviamente, comerciais, trabalhos inexistentes nos fósseis recolhidos por Miguel Barbosa e esposa.

Com as sucessivas manipulações e mudanças de local sofridas pela colecção nos últimos anos, desapareceram etiquetas de muitos exemplares, perdendo-se assim dados essenciais à sua correcta localização no tempo e no espaço. Lamentavelmente, também pela parte do coleccionador não foi conservada a correspondência mantida com os seus pares da Austrália, EUA e França, de onde vieram muitas peças, esbatendo-se desta forma a memória das respectivas trajetórias. Todavia, o facto de um significativo número de peças ser originário de jazidas bem conhecidas internacionalmente facilitou-nos a sua determinação, permitindo colmatar diversas lacunas.

A falta de indicações inequívocas sobre a proveniência dos exemplares é, seguramente, um problema que belisca o valor científico de qualquer acervo, tal como é sobejamente referido por diversos autores. Contudo, somos de parecer que a colecção Miguel Barbosa, encarada no seu todo, mantém intacto e elevado o que J. Waddington chama *potencial educativo e para exposição* [5], possibilitando, assim, a sua manipulação como ferramenta didáctica, quer para a organização de exposições temáticas ou generalistas, quer para a realização de quaisquer outros tipos de programas ou actividades educativas [1].

<sup>4</sup> É por exemplo, o caso dos pequenos anfíbios e répteis do Pérmico da Europa Central, EUA e Brasil, do pequeno *Keichosaurus*, réptil primitivo do Triásico da China, ou ainda o dos *Psittacosaurus* cretácicos da China e Mongólia, um deles praticamente completo e em curso de montagem em posição de vida.

### Organização e documentação

Tendo em conta o perfil universalista e abrangente da colecção, é nossa convicção que ela poderá desempenhar eficazmente duas funções principais: por um lado a de conservar e documentar testemunhos do registo fóssil e, por outro, a de proporcionar exemplares para investigação, educação e fruição públicas, em pé de igualdade com outras colecções depositadas em instituições de investigação e ensino (*s.l.*) portuguesas.

Neste sentido, temos vindo a organizá-la seguindo o “modelo clássico” de separação entre vertebrados, invertebrados e plantas, sendo estes grupos organizados de acordo com a sua posição taxonómica, esquema consolidado na própria organização da reserva museológica<sup>5</sup> [9].



Fig. 3: *Captorhinus aguti* Cope. Formação Arroyo, Pérmico inferior. Lawton, Oklahoma. Inv. MHNS.02.6354. Foto: MHNS/J.F., 2005.

No que respeita à “catalogação” e documentação do acervo, por condicionalismos de vária ordem, entendeu-se dever dar prioridade aos exemplares seleccionados para a primeira exposição do futuro museu, escolhidos em função de um discurso orientado segundo dois eixos principais: a diversidade do registo fóssil e a cronologia da história da Terra e da Vida<sup>6</sup>. As restantes peças foram apenas objecto duma inventariação sumária, que muitas vezes não foi além da indicação da sua grande categoria taxonómica<sup>7</sup>. Esta situação irá necessariamente esbater-se na medida que o futuro museu comece a dispor de infraestruturas de suporte à investigação das colecções e de uma carteira de

<sup>5</sup> O presente modelo organizacional não invalidou, porém, o recurso a outras estratégias, designadamente uma organização estratigráfica e geográfica, pela qual, pontualmente optámos face a conjuntos com uma grande coerência interna, como por exemplo com os fósseis do Luteciano e Bartoniano da Bacia de Paris, ou dos moluscos miocénicos da Florida (EUA).

<sup>6</sup> Embora de matriz científica, entendemos que o discurso da exposição não deve mascarar o facto desta ter por base uma colecção pessoal e, como tal, testemunho fiel do coleccionismo científico amador, com todas as suas virtudes e fragilidades.

<sup>7</sup> Ao nível da “classe”.

parcerias institucionais que permita o seu estudo mais aprofundado<sup>8</sup>.

Ao todo, poderia dizer-se que estão determinados com algum pormenor (ao nível do género e/ou espécie) cerca de um terço dos mais de 7 000 exemplares e lotes, carecendo, porém, de validação algumas das classificações<sup>9</sup>. Sublinhe-se, assim, que embora parte dos restantes dois terços da colecção corresponda a fragmentos indetermináveis de invertebrados, vertebrados e troncos fósseis, sem quaisquer referências seguras<sup>10</sup>, muito trabalho de determinação há ainda por fazer.

Tendo em vista as necessidades imediatas de reconhecimento global do acervo para a selecção de peças para a exposição de longa duração e as necessidades de gestão corrente da colecção, construímos uma base de dados electrónica em *Access*, que segue as recomendações internacionais sobre a gestão deste tipo de informação e permite diferentes filtragens, onde se condensou a informação relativa à colecção<sup>11</sup>. Sublinhe-se que a gestão electrónica das colecções é actualmente uma ferramenta indispensável, que permite, não apenas, aceder à informação em “tempo real”, como também a sua transferência para outros utilizadores do museu, mesmo que não presenciais.

#### Nota final

As colecções de Paleontologia são actualmente consideradas como um *recurso e um registo insubstituível* da nossa herança patrimonial natural, constituindo uma importante base para a investigação em Paleontologia e para a educação e entretenimento públicos [6] [10]. A sua apresentação em museus e exposições proporciona uma excelente oportunidade de divulgar eventos da história da Terra e da Vida, constituindo muitas vezes, como refere D. Erwin [11], a única oportunidade de certos públicos contactarem com o mundo dos fósseis. Nesta óptica pode dizer-se que, apreciada na sua globalidade, a Colecção Miguel Barbosa, embora reflecta, marcadamente, os gostos e preferências do coleccionador, encerra um significativo potencial

<sup>8</sup> Já estão esboçadas as primeiras parcerias, uma internacional com o museu de Karlsruhe na Alemanha e outra nacional com o museu do GEAL na Lourinhã.

<sup>9</sup> Um dos problemas que se levantou na recolha e recuperação das classificações originais dos exemplares foi o da sinonímia, situação agudizada pela grande diversidade de proveniência dos materiais da colecção. Não raras vezes, deparámos com designações atribuídas a partir do que pensamos poder ter sido a transcrição fonética (em inglês ou francês) da classificação científica, lida ou ouvida algures.

<sup>10</sup> A presença destes materiais, essencialmente destinados a ofertas, mascara, de certa forma, a expressividade dos gráficos das figs. 1 e 2.

<sup>11</sup> A base de dados contém, além da identificação dos exemplares, informação taxonómica, estratigráfica e geográfica sempre que existentes, e dados relativos à caracterização de cada uma das peças.

cultural e mesmo científico, decorrente da sua diversidade e ampla repartição temporal e geográfica dos respectivos exemplares, valores também já reconhecidos em data oportuna por diversas personalidades do mundo da cultura geocientífica e, informalmente, pela Unesco. É por isso nossa firme convicção, que se justifica plenamente a sua empenhada valorização a desenvolver em duas vertentes principais: a da sua pública apresentação dotada de suportes e linguagem adequados, e a da sua gestão activa e profissional, dispondo dos recursos essenciais ao cumprimento da missão que lhe atribuímos. Garantir-se-ão, dessa forma, as desejáveis e necessárias condições de plena acessibilidade – na total aceção do conceito –, bem como de conservação e segurança.

Embora como “colecção de autor” este acervo paleontológico esteja praticamente fechado, enquanto núcleo central do futuro museu deve continuar a crescer, agora mediante a definição de linhas claras de orientação, tendo em consideração a missão do museu e a sua futura programação [12].

#### Referências Bibliográficas

- [1] Brandão, J.M. (2005) – Colecção Barbosa. Reflexos da busca das maravilhas de antanho. Vária Escrita. Câmara Municipal de Sintra, no prelo.
- [2] Brandão, J.M. (no prelo) – A “sintetização da vida”. Notas sobre a colecção Miguel Barbosa. Livro de homenagem ao artista.
- [3] Janeira, A.L. (1995) – Fazer-ver para fazer-saber. Os museus das ciências. Edições Salamandra, Lisboa.
- [4] Thomson, K. (2005) – Natural History Museum: Collections in the 21st Century. [www.actionbioscience.org/evolution/thomson.html](http://www.actionbioscience.org/evolution/thomson.html).
- [5] Waddington, J. (1997) – Evaluating the earth sciences collections at the Royal Ontario Museum. pp. 117–122. In: Value and valuation of Natural History Collections. Edit. By J.Nudds & C.W.Pettit. The Manchester Museum.
- [6] Montero, A. et al. (1992) – Types of paleontological collections interest: the case of the Museo Nacional de Ciencias Naturales. I Simposio y Congreso Mundial sobre Preservación de Colecciones de H. Natural. V. 2, pp. 221–227. Madrid.
- [7] Clark, N. (2002) – Using the fossil resource: a Scottish museum perspective. In: A Future for fossils, pp. 84–88. Cardiff.
- [8] Edmonds, R. (2001) – Fossil collecting on the West Dorset Coast: a new voluntary Code of Conduct. In: A Future for Fossils, pp. 46–51, ed. by M. Basset et al.. Nat. Museums & Galleries of Wales, Geological series 19, Cardiff.
- [9] Brandão, J.M. (2005) – Linhas directoras da política de gestão das colecções do Museu de História Natural de Sintra. Doc. int. não publicado. CMS/DMUS. 7 p..
- [10] Allmon, W. (1997) – Collections in Paleontology. In: Paleontology in the 21<sup>st</sup> Century. Senckenberg Conference [www.nhm.ac.uk/hosted\\_sites/paleonet/paleo21/ccep.html](http://www.nhm.ac.uk/hosted_sites/paleonet/paleo21/ccep.html)
- [11] Erwin, D. (1997) – Paleontology in Museums and Institutes in the 21<sup>st</sup> Century. In: Paleontology in the 21<sup>st</sup> Century. Senckenberg International Conference. [www.nhm.ac.uk/hosted\\_sites/paleonet/paleo21/r/me.html](http://www.nhm.ac.uk/hosted_sites/paleonet/paleo21/r/me.html)
- [12] Brandão, J.M. [Coord.] (2005) – Museu de História Natural de Sintra: Programa Museológico. Doc. int. não publicado. CMS/DMUS. 16p..